

O que ganhei com a Bike e com os Dar ao Ped@L



Fig.1

Sempre gostei de andar de bicicleta desde muito pequena, mas claro como a maioria das pessoas, de menina, dei as minhas voltinhas com a minha bicicleta de cestinha, mas depois cresci e a bicicleta ficou arrumada lá na casa dos meus pais.

A determinada altura, já adulta, o bichinho voltou e comprei uma esmaltina, mas isso também foi de pouca dura e também lá está a esmaltina na garagem dos meus pais. Apesar de esporadicamente lhe pegar, como aconteceu no verão de 2011 (Fig1).

Mais tarde, em maio de 2012, ganhei coragem porque queria andar de bicicleta e pronto, comprei a minha primeira bicicleta de monte uma Rockrider (fig 2).

Mas nem imaginava que a aventura estava mesmo a começar, eu todos os dias dava uma voltinha, comprei um conta-quilómetros, e todos os dias aumentava o meu percurso. Recordo ficar muito feliz com os meus primeiros



Fig.2

10 kms.

Continuei empenhada, e a

determinada altura, inscrevi-me numa prova em Santo Tirso (maio de 2013), e não é que fui ao pódio e ganhei o primeiro prémio com a minha biciletinha (fig.3). Pronto, também esclareço que era a única mulher master no pelotão, mas não interessa, fiz os 35 kms, ganhei e mais nada.

Nessa prova, recordo olhar para as outras bicicletas e constatar que eram todas de várias marcas, (Scott, Cannondale, KTM, TREK, etc.) e eu com uma

de marca branca, enfim era a que

tinha. Mas claramente sai dali com uma ideia, tinha de arranjar uma bicicleta melhor.

Não demorou, porque em junho do ano seguinte, lá comprei a minha primeira Scott. Eu orgulhosa com ela



Fig.3



Fig.4

novinha a sair da loja (Fig 4), mas ao fim de dois anos (2016) troquei por outra Scott, uma Spark.

A partir daí foi volta e mais volta, conheci pessoas, conheci grupos de BTT, acabei por me integrar nos “Maia Btt Team”, fiz provas, NGPS, passeios e montes de voltas de bike. Adorava claro e tive uma grande evolução ao longo dos anos, (Fig.5).



Mas faltava qualquer coisa, eu queria fazer percursos longos de vários dias e o meu grupo nesse campo não ajudava. Eu tinha resistência mas não conseguia ter a velocidade deles e os poucos que se aventuravam andavam mesmo muito mais que eu. Os restantes não queriam fazer e claro sozinha nada feito.

Neste espaço de tempo eu até já tinha também começado a andar com uma bicicleta de estrada e já tinha feito Maia- Fátima num dia, duas vezes, também fiz o Porto Granfondo (fig 6-a,b),

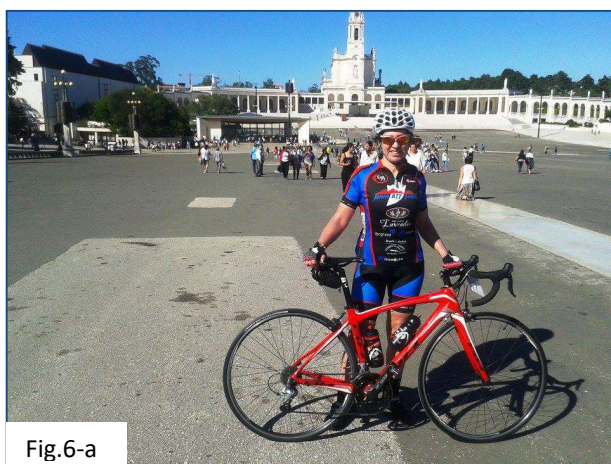


Fig.6-a



Fig.6-b

la dizendo aqui e ali que gostava de me aventurar em percursos maiores, mas na verdade as oportunidades não surgiam.

A determinada altura (outubro de 2017), o António Oliveira, fala-me de uma ida a Santiago de Compostela pelo monte, fazer o caminho tradicional em três dias (10, 11 e 12 de Novembro), já tinham as coisas

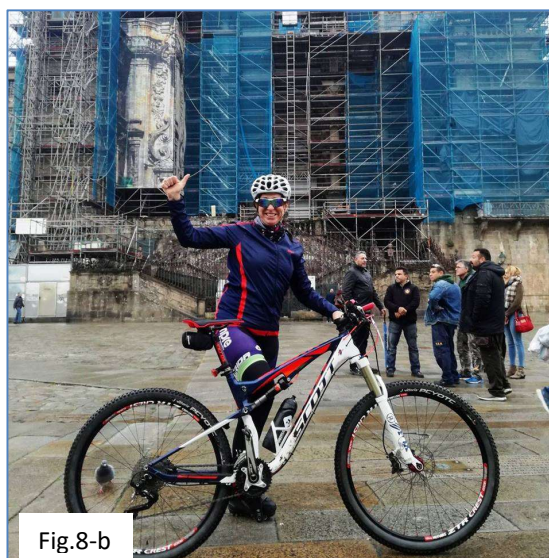
organizadas, tinham transporte para regressar assegurado, iam em autonomia total, e eram um grupo de oito, se eu fosse seríamos nove.

No grupo estava António Oliveira, Augusto Tomé, Jorge Bastos, Henrique Cardoso, Pedro Tiago, Nelson Leitão, Armando Teixeira, Tiago Gomes e Carlos Cunha. Eu conhecia o António e o Tomé um pouco, o Nelson e o Tiago tinha-os encontrado em alguns NGPS, os restantes nem ideia de quem eram. O António assegurava-me que não havia nenhum problema por eu ser a única mulher do grupo e que eu aguentava de certeza porque segundo ele o caminho era fácil. Mesmo assim eu estava com algum receio, por várias razões: não conhecia as pessoas e não sabia bem o ritmo delas, elas podiam se sentir incomodadas por ir uma mulher e claro nunca tinha feito nada com estas características. Mas a vontade de ir era muita e arrisquei.

Foram três dias maravilhosos, cheios de aventura e companheirismo, escusado será dizer que adorei a minha primeira grande aventura. Arrancamos cedo a partir da Sé do Porto (fig7), e nas primeiras horas acompanhou-nos o Hugo Rocha, um grande atleta em várias valências.



Como já referi, foi importante a minha primeira grande aventura, senti-me bem, tive que me esforçar claro, mas foi o normal e senti que acompanhei bem o grupo. Eles foram maravilhosos comigo, nunca senti que estava a mais nem que incomodava. Cheguei muito feliz, aliás como todos creio (fig 8 a e b).



No ano seguinte surge outra ideia, do grupo Dar ao Ped@L, fazer o Caminho Primitivo, eu imediatamente me prontifiquei para ir. Não eram exatamente as mesmas pessoas, mas eram os principais e eu já conhecia todas: António Oliveira, Henrique Cardoso, Carlos Cunha, Augusto Tomé, Valdemar Freitas e Mário Dantas.

Depois pensaram em acrescentar o Caminho de S. Salvador e a aventura passou a ser maior ainda, sairíamos dia 7 á noite de carro até Leon e seria até dia 16 de setembro de 2018. Infelizmente o Tomé não pode ir, foi pena mas há outras coisas muito importantes também.

Arrancamos dia 8 bem cedinho e os dois primeiros dias foi o Caminho de S. Salvador (duros, muito duros mesmo), os restantes dias foi o Caminho Primitivo, em que os primeiros dias foram também duros, mas depois as coisas foram mais fáceis e foi maravilhoso.

Mas o que pretendo dizer é que os Dar ao Ped@L, especialmente as pessoas referidas, tornaram real, aventuras maravilhosas, que eu cheguei a pensar que nunca ocorreriam. Chegamos felizes e cheios de energia (fig 9 a e b).

Neste momento posso dizer que com estes elementos sou capaz de ir até ao fim do mundo, são pessoas e companheiros maravilhosos.

Muito Obrigada Dar ao Ped@L



Fig.9-a



Fig.9-b